

## **Análise das atitudes linguísticas de falantes bananeirenses em relação ao seu próprio falar<sup>1</sup>**

**Analysis of linguistic attitudes of speakers from Bananeiras regarding their own speech**

André Luiz Souza-Silva<sup>2</sup>  
Rubens Marques de Lucena<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente estudo objetiva analisar as manifestações de atitudes linguísticas de falante de Bananeiras-PB em relação ao seu próprio falar e ao de sua comunidade, considerando o recorte teórico-metodológico feito por Morais e Lima (2019) acerca das atitudes de falantes de Patos-PB. Dito isso, este estudo ancora-se nos postulados da Teoria Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), apoiando-se nas contribuições de Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), entre outros, bem como nos estudos sobre atitudes linguísticas (LAMBERT; LAMBERT, 1972) junto às reflexões de Corbari (2013), Cardoso (2015), entre outras vozes. Para tal, trabalha-se com aspectos de natureza qualitativa e quantitativa, considerando o método descritivo e o caráter interpretativista. Mediante o exposto, identifica-se que bananeirenses apresentam atitudes mais otimistas em relação ao seu próprio falar ainda que, por vezes, continuam policiadas pelas noções de *certo* e *errado* como os patoenses.

**Palavras-chave:** variação linguística; atitudes linguísticas; próprio falar; nordeste.

**Abstract:** This paper aims to analyse the linguistic attitudes of speakers from Bananeiras (Northeastern Brazil) regarding their own speech, based on the theoretical and methodological decisions made by Morais e Lima (2019) about the linguistic attitudes of speakers from Patos (Northeastern Brazil). This study is also based on the assumptions of the Variationist Theory (LABOV, 2008 [1972]), the theoretical contributions by Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), among others, as well as on the studies on linguistic attitudes (LAMBERT; LAMBERT, 1972), Corbari (2013), Cardoso (2015), and others. To achieve this aim, a qualitative and quantitative analysis was conducted, considering descriptive and interpretative methods. As a result, evidence showed that speakers from Bananeiras present more optimistic attitudes regarding their own speech, contrasting with the results of speakers from Patos. These attitudes, however, often seem to be controlled by notions of what is right and wrong.

**Key words:** linguistic variation; linguistic attitudes; own speak; northeast.

---

<sup>1</sup> Este estudo foi apresentado no XI Encontro de Sociolinguística: a sociolinguística no Nordeste, em 2021.

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Linguística, João Pessoa, PB, Brasil. Endereço eletrônico: [andreluiz.bans@gmail.com](mailto:andreluiz.bans@gmail.com).

<sup>3</sup> Professor da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, João Pessoa, PB, Brasil. Endereço eletrônico: [rubenslucena@yahoo.com](mailto:rubenslucena@yahoo.com).

## Introdução

A todo momento, questões que envolvem apreciação sobre uma variante linguística, dialeto, prática linguística e/ou características de um falante são possíveis e perceptíveis no interior de toda e qualquer comunidade, seja ela de fala ou de prática. Essas questões podem ser analisadas a partir do campo de estudos atitudinais, voltando-se aos aspectos sociolinguísticos que funcionam como marcadores da diferença. Tais aspectos também concebem conceitos como crenças, valores e opiniões<sup>4</sup>, os quais são constituintes, em maior ou menor grau, das atitudes linguísticas.

Morais e Lima (2019) realizou estudo com falantes do sertão paraibano, em específico, falantes do município de Patos, um importante centro comercial e econômico da região supracitada. Para tanto, foi feita uma entrevista com 10 (dez) informantes, composta por 12 (doze) perguntas; tal método foi utilizado, de acordo com a autora, para suscitar atitudes mais espontâneas por parte dos/as informantes. Nesse intento, a pesquisa foi desenvolvida numa natureza quali-quantitativa, considerando os trâmites da pesquisa de Corbari (2013) – estudo realizado nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste.

Com o estudo, Moraes e Lima (2019) identificou que 80% de seus informantes ressaltaram mais aspectos negativos quanto às especificidades de sua fala, observando, assim, atitude negativa em relação ao falar paraibano. Nesse sentido, considera-se possível que tais atitudes também se façam presentes em meio à comunidade de fala de Bananeiras, município do interior da Paraíba e conhecido como principal destaque do Brejo Paraibano. Dito isso, levantou-se a questão sobre as atitudes linguísticas dos/as bananeirenses em relação ao dialeto paraibano serem mais positivas ou mais negativas.

Para responder a essa pergunta, o objetivo deste artigo é analisar a manifestação de atitudes linguísticas de falantes bananeirenses em relação ao seu próprio falar e ao de sua comunidade, por meio de questionário *online*, buscando adotar procedimentos qualitativos e quantitativos, como os que Moraes e Lima (2019) determinou, em que os resultados numéricos são expostos em gráficos e a interpretação focaliza os comentários/depoimentos dos/as informantes.

Considerando os aparatos teóricos, evidenciam-se os postulados da Sociolinguística, especialmente a Variacionista, a qual compreende que as línguas ofertam diferentes maneiras de se dizer uma mesma coisa (TARALLO, 1986). Dito isso, a investigação justifica-se pela

---

<sup>4</sup> Para aprofundar tais conceitos, ler MORAIS E LIMA, P. E. **Atitudes linguísticas de paraibanos em relação ao seu próprio falar**. 2019. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

escassez de estudos sobre atitude em relação ao dialeto paraibano, além disso, pela inexistência de estudos linguísticos no contexto do município de Bananeiras. Desse modo, o estudo contribui para evidenciar Bananeiras no contexto dos estudos de atitudes linguísticas e fornece material pedagógico para o ensino de língua materna (BORTONI-RICARDO, 2004) na educação básica do município, algo que nos motiva diretamente enquanto professores.

Este artigo estrutura-se em seções, e após esta introdução, tem-se a seção 1, em que se discute alguns conceitos-chave acerca de variação e atitudes linguísticas, centralizando postulados da Sociolinguística; já na seção 2 tem-se a apresentação dos aspectos metodológicos, considerando perfil dos/as informantes, características da localidade estudada e instrumento de pesquisa; depois, há a seção 3, com subseções que apresentam a descrição e a análise dos dados divididos em blocos que favorecem o entendimento acerca das atitudes e suas manifestações; por fim, tem-se as considerações finais e as referências que ancoram esta pesquisa.

### **Ancorando a sociolinguística: da variação à atitude**

Os estudos sociolinguísticos são diversos e a sociolinguística consagra-se em âmbito nacional com destaque, tendo diversos estudos em contextos micro e macro de comunidades linguísticas do Brasil. Os estudos da vertente que considera o linguístico e o social como indissociáveis estão sob o guarda-chuva *Sociolinguística*: Dialetologia, Geolinguística, Sociolinguística Interacional, Sociolinguística Educacional e a Sociolinguística Variacionista<sup>5</sup>.

Exposto isso, observa-se como os estudos que associam o social ao linguístico têm expoentes diversos, os quais terão caráter teórico e metodológico particulares, considerando interesses, objetivos e limitações de suas perspectivas e propostas. Neste estudo, como dito, destaca-se a vertente da Teoria Variacionista, uma vez que compreende que “[...] pressões internas, estruturais, e as pressões sociolinguísticas agem em alternância sistemática [...]” (LABOV, 2008, p. 214). Desse modo, a perspectiva variacionista estuda os fenômenos de uso da língua buscando por padrões no suposto caos que o senso comum diz existir nos processos de variação linguística. Sobre isso, Tarallo (1986) indica o seguinte:

[...] o caos basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa se enfrentam em um duelo de contemporalização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte (TARALLO, 1986, p. 05).

---

<sup>5</sup> Trabalho de Veloso (2014) expõe verticalizações dos estudos variacionistas, considerando as chamadas *ondas*, as quais foram propostas pela linguista estadunidense Penélope Eckert.

Nas palavras do autor, os processos de variação se configuram num campo de batalha – o da linguagem em uso. Dessa maneira, os fenômenos linguísticos disputam maior frequência de uso em meio aos falares de uma comunidade, a qual marca seus falantes por meio de diferentes fatores extralinguísticos: *origem, faixa etária, sexo/gênero, ocupação profissional, status socioeconômico, nível de escolaridade, rede social*, etc. Para este último condicionador, entende-se que “[...] cada um de nós adota comportamentos muito semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49).

Por essa perspectiva, todo e qualquer processo de variação se faz possível pelo compartilhamento de usos linguísticos, pois a fala, ainda que individual, tem sua manifestação na interação pela linguagem, em que os sujeitos compartilham ideias, valores, opiniões por meio da língua falada, havendo não apenas troca de conhecimentos, mas também linguísticas, onde “características da rede, são, portanto, um conjunto eficiente de variáveis para a predição e interpretação da variação linguística” (BORTONI-RICARDO, 2011 [1985], p. 100).

A interpretação dos fenômenos de variação e mudança linguísticas resultam da busca pelo ordenamento e sistematicidade de tais fenômenos no seio das comunidades de fala. Quando analisadas, as variantes linguísticas podem agrupar-se sob algumas nomenclaturas: *diatópica* (lugares diferentes), *diacrônica* (diferentes etapas da história), *diatrática* (diferentes classes e grupos sociais), *diamésica* (língua falada x língua escrita) e *diafásica* (pelo grau de monitoramento), conforme explica Bagno (2007). Esses agrupamentos são possíveis porque se reconhece que a heterogeneidade não é avulsa, ela possibilita a busca de um padrão, mas que não deve servir para efeitos de padronização, haja vista a reivindicação da Sociolinguística pela democratização de toda e qualquer variedade linguística como plena e funcional.

Para tanto, é importante entender que a variação se manifesta por meio dos aspectos gramaticais que compõem uma língua, entendendo que o conceito de gramática se estabelece na compreensão de que a língua é um multissistema, o qual se configura conforme *limites* estabelecidos no interior do sistema linguístico da língua a ser investigada. Nessa direção, o sistema é *multi* porque se constitui de diferentes níveis, os quais possibilitam diversas realizações, ofertando recursos expressivos que, de acordo com Bagno (2007), estão à disposição dos/as falantes. Portanto, o multissistema é composto por aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, semânticos, sintáticos e lexicais, funcionando entre os eixos estilístico e pragmático da linguagem.

Nessa direção, é preciso compreender que a variação é inerente ao sistema linguístico, sendo possível estudá-la para além de sua manifestação linguística, podendo compreender seu valor social, uma vez que a linguagem tem função metalinguística, a qual oportuniza, por meio

da língua, que os/as outros/as falem dela em si. Esse dizer, que tem forte apoio popular, fundamenta-se em compêndios linguísticos que favorecem a *padronização*, a exemplo dos dicionários, acordos ortográficos, projetos de lei e gramáticas normativas.

De acordo com Milroy (2011 [2001], p. 51, grifos do autor), “[...] o processo de padronização opera promovendo a *invariância* ou a *uniformidade* na estrutura da língua”. Nesse sentido, a padronização é um processo que regula o uso dos recursos linguísticos disponíveis em uma língua, indicando aqueles que funcionam no campo da formalidade e, por exclusão à norma, aqueles que são do campo da coloquialidade/informalidade, sendo fator contribuinte para a construção de estigma e prestígio linguístico que não se limita às variantes, mas também engloba seus falantes. Afinal, como explica Milroy (2011), o prestígio que se atribui a um código linguístico também indexicaliza, por metonímia, a vida social dos/as falantes.

Os efeitos da padronização acarretam em estudos sobre atitude, uma vez que em toda comunidade há falantes mais ou menos conscientes, os quais têm mais conhecimento, mesmo que tácito, sobre o valor das formas de prestígio, agindo linguisticamente conforme forças dos padrões externos e tidos como de excelência, conforme aponta Labov (2008). Logo, tal comportamento acarreta em atitudes linguísticas, a respeito disso, Hora (2011) indica o seguinte:

[...] as atitudes linguísticas são dominadas por posições ideológicas de poder que são amplamente baseadas na existência suposta dessa forma padrão, e essas, tomadas juntas, constituem a ‘ideologia da língua padrão’. Os falantes, normalmente, não têm consciência de que eles estejam condicionados por essas posições ideológicas: eles, normalmente, acreditam que suas atitudes em relação à língua sejam de senso comum e assumem que, virtualmente, todos concordam com eles (HORA, 2011, p. 19).

A partir do exposto, evidencia-se a análise linguística não se limitando aos fenômenos no interior do sistema linguístico ou, simplesmente, pela influência social sobre os usos linguísticos. Então, faz-se importante observar, mapear e questionar a estrutura social quanto às posições positivas e/ou negativas em virtude da variação, sobre as quais se tem “[...] atitudes de rejeição ou de aceitação que não têm, necessariamente, influência sobre o modo de expressão dos falantes, mas que certamente têm influência sobre o modo com que percebem o discurso dos outros” (CALVET, 2002, p. 65).

Por isso que Cardoso (2015) afirma que os/as falantes ao mesmo tempo em que imaginam os fenômenos do mundo físico também imaginam os fenômenos do mundo linguístico. A partir dessas imaginações, os sujeitos têm atitudes, as quais, de modo geral, desempenham função determinante no comportamento, afetando julgamentos e percepções

sobre os/as outros/as, auxiliando na determinação dos grupos com os quais as pessoas se associam, as profissões que escolhem exercer, bem como as filosofias sob as quais vivem (LAMBERT; LAMBERT, 1972), o que está associado aos comportamentos linguísticos e à construção de redes sociais dos/as falantes em geral.

Para explicitar essas posições, há a pesquisa de Morais e Lima (2019), já mencionada, em que os/as informantes se posicionam frente a questões que envolvem avaliação de seu próprio falar, revelando posições ideológicas e crenças em relação à língua e suas variedades dialetais. Então, quando questionados sobre o que acham de sua forma de falar, os/as informantes colocam o seguinte:

1. Eu acho boa, acho que eu procuro... é sempre falar da forma correta e clara
2. Um pouco arrastada, mas ‘correta’
3. Pelo sotaque, um pouco arrastada, porém acredito que falo ‘correto’

Nos discursos apresentados, identifica-se uma associação dos seus falares ao campo do *falar correto*, isto é, conforme aquilo que é reconhecido como norma-padrão. Além disso, caracterizam seu falar como arrastado, mas com conotação negativa, como indica a autora, uma vez que utilizam de conjunções adversativas – *mas* e *porém* – numa espécie de compensação da característica que eles reconhecem como marcante de seus falares. Logo, por meio de julgamentos subjetivos os/as falantes demonstram uma avaliação negativa em relação à sua própria fala, conforme aponta Morais e Lima (2019).

Também se mostra interessante o estudo realizado por Silva (2016), com falantes paraibanos residentes em São Paulo, em que estudou questões de acomodação linguística e em uma das etapas de sua investigação o autor buscou constatar atitudes linguísticas diretas em relação ao falar paraibano no contexto sudestino. Para tanto, um dos questionamentos feitos aos/às seus/suas colaboradores/as foi o seguinte: você já precisou mudar a sua maneira de falar para ser aceito/a? Você gostaria de falar como as pessoas daqui? Sobre isso, destaca-se os trechos de duas respostas:

4. Eu não sei, nunca fui obrigado a mudar a maneira de falar, mas ainda acho linda a forma de falar daqui, acho suave e o sotaque não é tão ‘aperreado’ como o **de vocês de lá** (p. 90, grifo do autor);
5. Eu tentava mudar meu vocabulário, falava mais devagar, os ‘esses’ eu mudava os ‘chidados’ que eram mais necessários, o vocabulário que faz parte daqui [...] eu não gostaria de falar como as pessoas daqui, eu quero ser aceita e respeitada por ser paraibana (p. 87).

Em (4), o/a colaborador/a manifesta posições negativas em relação ao falar paraibano, inclusive distanciando-se do dialeto ao utilizar os dêiticos *vocês* e *de lá*; já em (5), a colaboradora demonstra que há pressões sociais que a levavam a mudar sua forma de falar.

Assim, as reflexões de Silva (2016) colaboram para o mapeamento das atitudes linguísticas em contexto interestadual, evidenciando o *poder da palavra* a partir das postulações de Bakhtin e Bourdieu, por exemplo.

Exposto isso, entende-se como os aspectos variacionistas são mais do que as manifestações linguísticas, pois manifestam atitudes e corroboram crenças sobre a língua, questões que podem segregar, discriminar e excluir falantes, uma vez que a linguagem funciona como território de ação e interação em que a diversidade de óticas viabiliza múltiplas ações e significações.

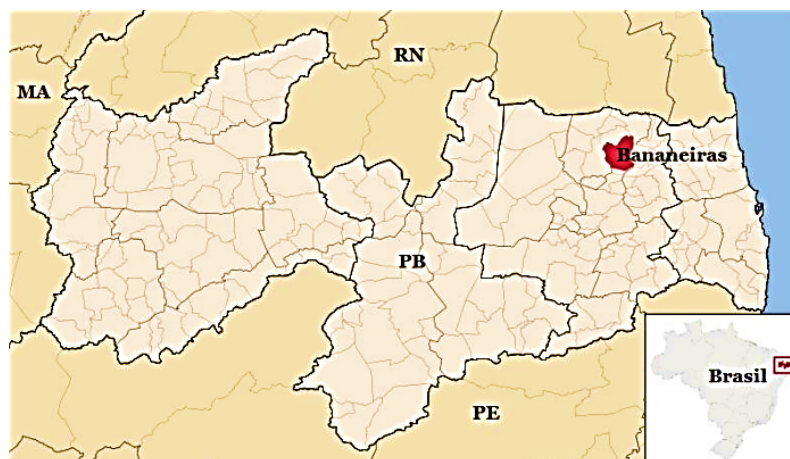
### **Trajetos metodológicos**

O estudo que aqui se desenvolve tem característica panorâmica, uma vez que sua amostra não é extensa em número de informantes, haja vista a natureza mista que se produz. Nessa direção, este estudo é quantitativo de um lado, pois quantifica os dados obtidos por meio de questionário, empregando técnica de porcentagem; por outro lado é qualitativo, uma vez que o uso exclusivo do quantitativo é limitado. Então, para melhor envolvimento com os dados e interpretação da realidade, estabelece-se a necessidade de detalhamento de fatos específicos, bem como a interpretação de certas particularidades obtidas por meio de questões abertas, como expressa Oliveira (2016).

As atitudes linguísticas estudadas advêm de falantes de Bananeiras, município brasileiro situado no estado da Paraíba, localizado a 141 Km da capital João Pessoa e sua localização no planalto da Borborema lhe possibilita características do Agreste, Brejo e Semiárido, tendo clima peculiar e caracterizado como tropical chuvoso e de verão seco, apresentando relevo marcado por vales estreitos e profundos, como indica Sousa (2013). O mapa abaixo apresenta a localização do município nos limites do Estado:



Figura 1 – Município de Bananeiras-PB em mapa do estado da Paraíba



Fonte: Sousa, 2013, p. 66.

Além disso, o município apresenta diferentes divisões entre zonas urbanas e rurais, sendo composta pelos distritos Roma e Tabuleiro, por uma vila (Maia), a área da cidade se divide em Alta (Conjunto) e Baixa (Centro), e diversos sítios, apresentando uma população de, segundo o último censo, 21.850 habitantes (IBGE, 2010 *apud* SOUSA, 2013). Além dessas características, o autor aponta as seguintes:

Historicamente, Bananeiras foi colonizada por volta da segunda ou terceira década do século XVII, destacando-se as figuras de Domingos Vieria e Zacarias de Melo, oriundos de Mamanguape. Ganhara, uma sesmária, no ano de 1716, circunvizinhando uma lagoa, numa floresta densa, onde havia um bananal que produzia frutos muito pequenos, imprestáveis para o consumo, de que teria nascido o topônimo da cidade – Bananeiras (SOUSA, 2013, p. 67).

Expostas tais características, faz-se possível estabelecer o marco de Bananeiras dentro do estado da Paraíba, sendo um município centenário que baseia sua economia na atividade turística, tendo comerciantes de diferentes nichos como beneficiários desse ramo. Além disso, é marco cultural na região, onde diversos municípios, hoje emancipados, foram seus distritos, bem como destaca-se na atividade educacional, uma vez que diversos discentes, oriundos de cidades avizinhas, buscam pelos serviços escolares, tanto público quanto privado, ofertados no município.

Apresentadas as características do *locus* de estudo, faz-se importante a exposição do perfil dos/as informantes. Para tanto, considerou-se os seguintes traços: sexo/gênero, faixa etária, grau de escolarização, ocupação e localidade. Sobre tais características, o quadro a seguir:



Quadro 1 – Perfil dos/as informantes bananeirenses

<b>Informante</b>	<b>Sexo/Gênero</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Escolarização</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Localidade</b>
<b>01</b>	M	31-41	EM	Serviços G.	Urbana
<b>02</b>	F	26-33	ES	Servidora	Urbana
<b>03</b>	M	26-33	ES	Desempregado	Urbana
<b>04</b>	F	26-33	ES	Atendente	Urbana
<b>05</b>	M	34-41	ES	Servidor	Urbana
<b>06</b>	M	34-41	ES	Advogado	Urbana
<b>07</b>	F	26-33	EM	Estudante	Rural
<b>08</b>	F	23-33	ES	Professora	Rural
<b>09</b>	M	26-33	EM	Autônomo	Rural
<b>10</b>	F	50 +	ES	Professora	Urbana

Fonte: dados da pesquisa

Exposto o quadro, identifica-se a participação de 50% dos/as informantes de sexo/gênero<sup>6</sup> feminino e 50% masculino; 60% com idade entre 26-33 anos, 30% entre 34-41 e 10% acima de 50 anos; acerca do grau de escolarização tem-se 70% de nível superior completo e 30% de nível médio completo; 70% residindo em zonas urbanas do município e 30% em zonas rurais, exercendo diferentes ocupações em suas comunidades.

Para a coleta desse perfil, utilizou-se de questionário *online*<sup>7</sup> – disponível pela plataforma *Google* – que foi respondido por esses/as (10) informantes de modo remoto e sem seleção prévia, logo, no instante em que se alcançou o total de respondentes idêntico aos de Morais e Lima (2019), o questionário foi finalizado já estabelecendo os/as informantes desta pesquisa acerca de atitudes.

Assim, questionou-se sobre as atitudes dos/as informantes sobre seu próprio falar. Então, o questionário foi elaborado a partir das categorizações de Morais e Lima (2019), considerando que seja possível mensurar aproximações e distanciamentos dos dados coletados pela autora com os/as falantes de Patos-PB. Para a coleta de comentários, deixou-se em aberto espaços para a justificativa das respostas, sendo item opcional. Além disso, com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) apresentado antes da referida coleta.

<sup>6</sup> Haja vista as discussões que permeiam tal variável, apesar de aqui não ser controlada de forma categórica, a opção *outro* esteve presente no questionário a fim de mapear aqueles que não se enxergam nos padrões binários de sexo/gênero.

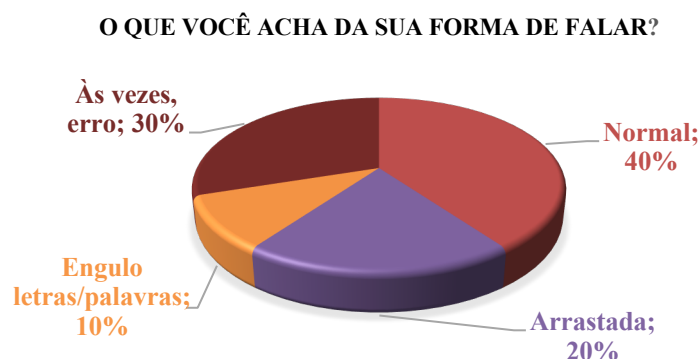
<sup>7</sup> Por força da pandemia do novo coronavírus, tornou-se inviável realizar a pesquisa campo de modo presencial, a partir de entrevistas face a face e gravadas. De acordo com o Boletim Epidemiológico de 04 de agosto de 2021 do município em estudo, Bananeiras apresentava 25 casos ativos, tendo 1.610 casos confirmados e registrando 24 óbitos. Portanto, por questões de segurança pública, fez-se impossível a coleta presencial, sendo necessário reconfigurar o instrumento de coleta de dados para o questionário *online*.

## Descrição e análise dos dados

Nesta seção, apresentam-se os dados coletados, e que foram organizados em blocos, como feito por Morais e Lima (2019), mediante a proposta de Corbari (2013), considerando aspectos como sentimento, consciência, avaliação, reação e crenças frente a questões que dizem respeito ao falar/dialeto paraibano.

O bloco 1 – *Sentimento com relação à sua própria fala* – objetiva aferir o sentimento que os/as informantes têm em relação ao seu próprio falar. Para tanto, o gráfico abaixo esquematiza o seguinte:

Gráfico 01 – Avaliação positiva/negativa do próprio falar



Fonte: dados da pesquisa

A maioria dos/as informantes – 40% - afirmam achar normal a maneira como falam; próximo a isso, Morais e Lima constatou 36% com falantes patoenses. Entretanto, diferente dos dados aqui expostos, 21% dos/as informantes da referida autora reconheciam seu falar como *correto*, mas no questionário disponibilizado tal opção não foi selecionada entre os/as informantes que compõem este estudo. Para exemplificar a posição de *normalidade*, tem-se o seguinte comentário<sup>8</sup>:

*INF. 06:* Não considero minha fala um primor de correção, mas procuro me expressar corretamente, mesmo utilizando regionalismos considero dentro da normalidade num país com tantos sotaques e expressões diferentes.

De acordo com o informante (06), sua fala não é, necessariamente, primorosa, mas ele diz que procura se “expressar corretamente”. Exposto isso, identifica-se uma postura concebida nos polos de *certo* e *errado*. Além disso, vale destacar o reconhecimento do

<sup>8</sup> As respostas dos/as informantes estão expostas respeitando as particularidades de como foram cedidas, logo, desvios ortográficos serão identificados, haja vista a obtenção de dados por meio digital.

informante sobre regionalismos, sotaques e expressões que demarcam seu falar e os de outros brasileiros, estando, portanto, dentro da *tipicidade*.

Logo depois, 30% dos/as informantes indicaram que *às vezes, erram*, algo que se fundamenta na crença de *certo* e *errado*, bastante arraigada na mente dos/as falantes, compondo herança colonial baseada em prescritivismos, a exemplo das posturas abaixo:

*INF. 01:* falo rapido as vezes.ai erro

*INF. 07:* A gramática é complexa

*INF. 09:* O hábito da linguagem na pronuncia incorreta.

Nos dizeres do informante (01), os *erros*, *às vezes*, ocorrem por ele falar rápido – inclusive, negativamente, associa-se o “pitoresco” aos falares/dialetos nordestinos (BAGNO, 2015). Para a informante (07), a questão é a complexidade da gramática, mesmo não estabelecendo qual a gramática, sabe-se que é a gramática normativa (escolar), uma vez que suas regras, preceitos e ordenamentos são perpassados como recurso precioso e complexo beletrista. Por fim, o informante (09) indica sua pronúncia habitual como *incorreta*, auxiliando na manutenção das ideologias do padrão e colocando-se entre os/as falantes que pronunciam errado, não diferente.

Ademais, tem-se 20% caracterizando seu falar como “arrastado” e outros 10% assumindo que engolem letras/palavras, sendo comum associarem, de modo geral, seus modos de falar com *falar informalmente*, como se sua competência linguística fosse marcada para campos da coloquialidade e pouco produtiva em campos de maior monitoramento.

Na segunda pergunta do bloco, obteve-se o agrupamento de respostas, que indicam diretamente que 20% - assim como em Moraes e Lima – “gostam” de sua forma de falar. Entre os 30% que indicam características particulares, os/as informantes (03) com “*gírias próprias que viram rotineiras*” e (09) com “*gosto de falar a palavra oxé [...]*”, evidenciando seus modos de falar por meio de itens lexicais. Além disso, 40% evidenciam o “sotaque” como característica positiva em seus modos de falar, constata-se isso pelos seguintes comentários:

*INF. 10:* Gosto do meu sotaque, pois me identifica logo como nordestina

*INF. 02:* Gosto do meu sotaque e da forma como falo [...].

*INF. 06:* Tenho orgulho de meu sotaque.

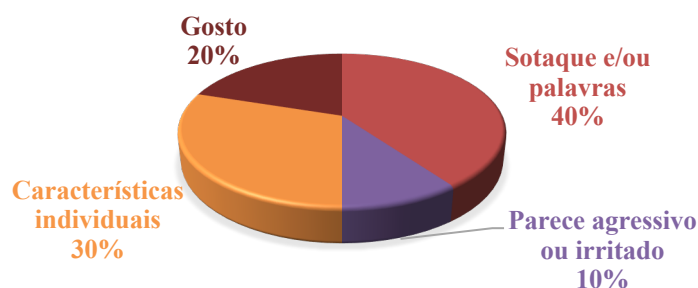
As posições acima revelam uma atitude positiva para com seu sotaque, sendo um marcador sobre o qual (06) diz ter “orgulho” e (10) porque, rapidamente, identifica sua “origem geográfica”. Entretanto, vale a ressalva de (02): “[...] mesmo sendo um pouco

*fanha*”, algo que, comumente, é sequela de má-formação do palato, sendo importante conscientizar os/as falantes sobre o que é fruto da variação linguística e o que é resultado de distúrbio fonológico.

De modo negativo, 10% diz considerar seu modo de falar “aparentemente agressivo ou irritado”, dizendo que “*falo alto é de família*”, expressa (01), evidenciando uma atitude negativa com amparo em “falar alto” e argumenta “ser algo de família”. Assim, pode-se identificar uma crença negativa sobre o modo de falar não só seu, mas de seus familiares mais próximos e que compõem sua rede social de tessitura miúda (BORTONI-RICARDO, 2011). Exposto isso, o gráfico abaixo segmenta e quantifica as respostas:

Gráfico 02 – Avaliação sobre gostar/não gostar do próprio falar

HÁ ALGO ESPECÍFICO DE QUE VOCÊ GOSTA/NÃO GOSTA NA SUA FORMA DE FALAR?



Fonte: dados da pesquisa

No bloco 2 – *Consciência sobre aspectos de seu grupo linguístico* – tem-se a pretensão de aferir o sentimento de pertença dos/as informantes ao dialeto paraibano, considerando suas impressões sobre sotaque. No estudo conduzido por Moraes e Lima (2019, p. 86, grifos da autora), “todos os informantes que responderam positivamente, afirmaram possuir o sotaque *nordestino/paraibano*”. Entre as opções apresentadas neste estudo, 70% indicam “gostar do sotaque”, 10% consideram como “aspecto cultural”, outros 10% determinam o desejo de “amenizar” e 10% consideram engraçado. Dito isso, o gráfico a seguir expõe o conjunto de respostas:

Gráfico 03 – Avaliação do próprio sotaque



Fonte: dados da pesquisa

Mediante as opções escolhidas pelos/as informantes, também lhes foi solicitado que justificassem a resposta e, dos comentários, destacam-se estes:

*INF. 05:* Pq falam que entonação da fala se torna característicos para as várias história que eu conto e enaltece apresentações de palestras e seminários.

*INF. 06:* O sotaque me possibilita um sentimento de pertencimento, identificação com minha região geográfica e com as pessoas que a ocupam.

*INF. 08:* Eu gosto do meu sotaque. Porque pertence a minha cultura, a cultura da região em que eu vivo, não mudaria nada

Identifica-se em (05) uma postura positiva, mas passível de reflexão quando ele indica que *falam*, ou seja, sujeitos indeterminados que valoram o que ele discursa e argumentam que é algo que caracteriza o modo como esse informante conta histórias, o que pode ser visto como uma espécie de *exotização* a depender de quem sejam aqueles que *falam*. Afinal, podem alimentar estereótipos em relação ao marcador origem, inclusive porque esse informante avaliou seu sotaque como *engraçado*. Já (06) e (08) argumentam no campo do pertencimento, considerando o sotaque como marca identitária e cultural.

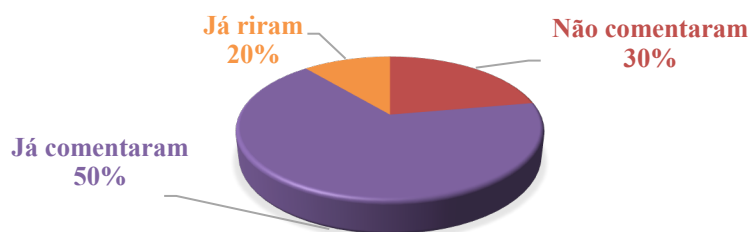
Por fim, aquele que diz ter preferência por amenizar seu sotaque, justifica com “pra não chama a atenção”, revelando postura negativa, algo que pode influenciar em sua autoestima linguística e social, causando mal-estar em falas públicas, impossibilitando seu acesso a espaços de diferentes letramentos, por ocasião de achar seu sotaque chamativo, especialmente se houver a presença daqueles que sejam distantes de seus marcadores sociais, principalmente de origem.

O bloco 3 – *Descrição e avaliação feita pelo interlocutor* –, de acordo com Moraes e Lima (2019, p. 88), “[...] o preconceito em relação ao falar nordestino está mais associado a questões de diferenças sociais do que, necessariamente, a variedade linguística em si”. Nesse cenário, é possível mapear a percepção que os/as falantes têm em relação às atitudes de outros/as falantes. Assim, pode-se questionar aos/às informantes se alguém já criticou, elogiou,

riu ou comentou algo a respeito de sua forma de falar. Sobre isso, o gráfico abaixo estabelece o seguinte:

Gráfico 04 – Atitudes negativas do interlocutor

**ALGUÉM JÁ CRITICOU, ELOGIOU, RIU OU COMENTOU A RESPEITO DA SUA FORMA DE FALAR?**



Fonte: dados da pesquisa

Conforme o gráfico, 30% diz não ter havido comentários sobre sua forma de falar. Os demais, indicaram já terem sido alvo de risos (20%) e 50% já foram alvo de algum comentário, nesse sentido, destacam-se os relatos que indicam carga de negatividade:

*INF. 02:* Parentes e amigos sudestinos já riram de como eu falo, bem como das expressões que usamos aqui e são pouco conhecidas deles [...] eles também tem sotaque por mais que acreditem que sua forma de falar é a correta e a geral/dominante [...]

*INF. 04:* Quando falamos algo que é característico da nossa região em algum lugar diferente as pessoas olham e comentam as vezes de firma negativa

*INF. 07:* Já fui elogiada, como também já passei por situações constrangedoras na cidade de São Paulo, onde debocharam da minha maneira de falar

*INF. 10:* Em outras regiões do Brasil, principalmente no sul e sudeste já riram do meu sotaque [...]

Os relatos consideram aspectos que remetem a questões diatópicas: origem, dialeto, região geográfica. Em (02), a informante ressalta ter sido alvo de risos por usos lexicais e reconhece a dominância que existe por parte daqueles que se localizam em regiões que centralizam maior poder socioeconômico e (04) reitera uma percepção negativa por parte de outros/as falantes. A informante (07) indica que já foi elogiada, mas também já foi alvo de “deboche” o que lhe fez passar por situações constrangedoras e (10) também aponta ter sido alvo de discriminação por seu sotaque.

O informante (06) aponta algo interessante: “[...] poderia citar várias vezes em que o sotaque foi citado com atenção especial e surpresa, pela capacidade de argumentação, como se a possibilidade de formular e expressar ideias estivesse vinculada ao local de nascimento ou ao sotaque”. Essa posição demonstra uma consciência em relação ao modo de falar e à origem



serem marcadores sociais que influenciam em crenças e atitudes a respeito da capacidade de argumentação, por exemplo. Logo, aqueles que tenham essa postura, revelam como o poder faz outros/as falantes julgarem o lugar do outro, desconsiderando as formas de falar de menor prestígio como uma possibilidade linguística para a comunicação interpessoal, conforme indica Silva (2016).

O bloco 4 – *Tendências de reação do informante* – considera a adaptação do/a falante ao seu entorno comunicativo, considerando “sim” e “não”, registrando, assim como em Moraes e Lima, 50% para cada item. Exposto isso, têm-se as seguintes justificativas:

*INF. 03:* Entre um grupo de pessoas com padrão linguístico mais formal

*INF. 05:* Já mudei pra adaptar as circunstâncias mais formais.

Para (03), há a necessidade de adequação entre os contextos que considera *formais e informais*, algo também perceptível em (05) ao considerar essas mesmas circunstâncias. Esses discursos associam-se aos ideais de padronização, considerando que contextos tidos como formais requerem usos tidos como padrão, isso oportuniza refletir sobre estilos mais ou menos monitorados (BORTONI-RICARDO, 2004).

Ademais, informante (08) apresenta em sua justificativa o seguinte: “dependendo da situação [...]”, algo oportuno para questões de acomodação dialetal, também possibilitando pensar como o comportamento linguístico dá-se consciente e/ou inconscientemente e quais os efeitos dessa questão.

Tem-se o bloco 5 – *Pensamentos e crenças sobre preconceito linguístico* – e do mesmo modo que informantes de Moraes e Lima, 90% dos/as informantes bananeirenses indicaram que as pessoas são julgadas pela forma que falam. Já o informante que assinalou “não” justificou com: “pq ninguém tem culpa na forma de falar”, mas é um informante que tem demonstrado insegurança e baixa autoestima linguística, tal justificativa revela ingenuidade e desconhecimento acerca do poder da linguagem, o que corrobora a necessidade de um ensino de língua(s) que oportunize maior reflexão sobre a linguagem, uma vez que a escola é a principal e maior agência de letramento em nossa sociedade. A seguir, alguns comentários acerca dessa questão:

*INF. 04:* Quando se fala errado ou com palavras diferentes do ambiente em que está as pessoas crítica de forma negativa

*INF. 06:* [...] atribuindo-se negatividade ao que caracteriza as pessoas de locais com menor índice de desenvolvimento, sendo a fala um elemento de identificação óbvia e natural, ela é usada em pré-julgamentos

*INF. 08:* Principalmente pessoas de baixa escolaridade que não tiveram e nem tem oportunidade de uma boa formação passam e passarão por esse

preconceito linguístico, porque o modo de falar automaticamente para alguns está ligado a ser inteligente ou não

Para (04), tem-se o julgamento como resultado de não falar conforme os compêndios que determinem o que é correto, seja pela pronúncia, seja pelos itens lexicais, reconhecendo que isso aponta para valoração negativa em relação ao modo que as pessoas falam. O informante (06) indica que a fala é algo pré-julgado, considerando o marcador socioeconômico como característico daqueles que sofrem avaliação negativa,

A posição supracitada não está distante de (08) ao enfatizar a variável “grau de escolarização” – que está intimamente ligada ao status socioeconômico, uma vez que o Brasil tem uma distribuição de renda bastante desigual – destacando que os de nível de escolaridade baixo serão oprimidos e alvos de discriminação pela linguagem, inclusive por ter aqueles que estabelecem o modo de falar como característica dos inteligentes. Por assim dizer, avalia-se mais o *design* dos falares do que seu conteúdo.

Nesse sentido, observa-se, como Morais e Lima, um julgamento dos falares a partir de uma avaliação da classe social dos/as falantes. Adiante, questionou-se aos/às informantes se já foram julgados/as por seu modo de falar e nesse quesito distancia-se de Morais e Lima, que 80% disse *não*, e os/as bananeirenses dividiram-se igualmente em 50% entre *sim* e *não*. Os que indicaram *não* naturaliza(ra)m violências com e pela linguagem, como se vê abaixo:

*INF. 05:* Nunca fui rebaixado por isso, apenas fui motivo de risos saudáveis pelos que estavam a minha volta.

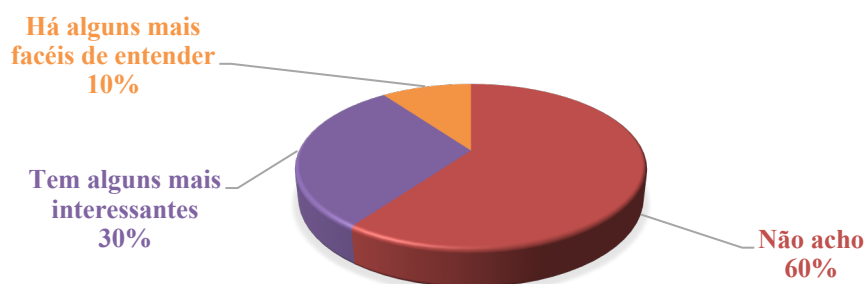
*INF. 07:* A convivência me fez mudar naturalmente.

A partir do exposto, tem-se em (05) uma postura interessante, uma vez que indica já ter sido motivo de risos, mas um riso que ele adjetiva como “saudável”. Assim, entende-se uma postura que não enxerga como as ações com e pela linguagem, conforme Silva (2016), enraízam-se nos aparelhos ideológicos como forma de repressão social, bem como (07), ao dizer que mudou naturalmente, desconhecendo como tal atitude também é resultado de coerção social. Assim, identifica-se posturas inconscientes em relação às violências que se dão pela linguagem, algo naturalizado em nossa sociedade.

Por fim, o bloco 6 – *Consciência e avaliação da diversidade linguística* – destina-se à avaliação que os/as informantes fazem a respeito da diversidade linguística e em relação a outros dialetos brasileiros. Para tanto, questiona-se se acham alguns dialetos/falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis, e os dados compõem o gráfico abaixo:

Gráfico 5 – Avaliação dialetal

**VOCÊ ACHA ALGUNS DIALETOS/FALARES MAIS BONITOS, MELHORES OU MAIS FÁCEIS DE ENTENDER?**



Fonte: dados da pesquisa

Conforme o gráfico acima, 60% dos/as respondentes não hierarquizam dialetos, atribuindo-lhes um mesmo status; já 30% diz ter alguns que são mais interessantes e 10% indica que há alguns mais fáceis de entender. Diferentemente de Morais e Lima, em que 30% dos/as informantes patoenses consideram que há dialetos “mais bonitos”, os/as informantes bananeirenses não indicaram esse status estético. Contudo, é possível pensar sobre a concepção de “interessante” que habita na crença desses informantes bananeirenses, uma vez que algo interessante se faz por ter algo que chame atenção, o que não necessariamente é avaliado como “feio” ou “ruim”, essa postura requereria maior questionamento do pesquisador.

Entre os/as bananeirenses que responderam ao questionário, 70% indica que o dialeto paraibano é fácil de entender e 30% diz que não. Aqueles que indicam “sim”, favorecem a percepção dos/as patoenses, pois consideram que se trata de seu próprio falar. Aqueles que optaram por “não” justificam o seguinte:

*INF. 03:* Temos expressões linguísticas próprias e isso difere MT de outras regiões, o que causa uma certa confusão em algumas palavras usadas

*INF. 04:* Porque é usada palavras que precisa de interpretação para entender o que quer falar

*INF. 08:* Em particular para o nordeste, nós todos compreendemos creio eu o dialeto falado nesta região, mas em particular para o Brasil eles não compreendem muitas vezes o que a gente fala, e também a gírias que nós usamos aqui são gírias diferentes.

De acordo com os/as informantes, há traços lexicais que podem dificultar a comunicação: expressões linguísticas, palavras, gírias. Esses são os recursos linguísticos que utilizam para remeter à variedade local, e tal variedade necessita ser compreendida e interpretada pelos/as interlocutores/as.

## Considerações finais

A partir dessas análises, observa-se que cerca de 80% dos/as bananeirenses ressaltaram mais aspectos positivos quanto às especificidades de sua fala, opondo-se aos/às informantes de Patos (MORAIS E LIMA, 2019). Entretanto, ressalta-se que nenhum dos/as informantes reconheceu seu falar como *correto*, o que indica o efeito da padronização presente na mente dos/as falantes, não lhes permitindo que assegurem seu modo de falar como correto, havendo sempre um *mas* que lhes faça argumentar questões de sotaque, léxico, etc.

Esse maior otimismo (ALVES, 1979) pode resultar de duas questões: 1) por força metodológica, uma vez que o estudo utilizou de questionário *online*, impossibilitando interação face a face que favorece ao pesquisador a constatação de questões prosódicas, menor assertividade nas respostas, hesitações, etc., o que deixa em aberto uma possibilidade de sancionar respostas, ainda que tenham anonimato assegurado e 2) por força social, pois Bananeiras é um lugar interiorano que vem ganhando destaque no ramo turístico, evidenciando suas atividades culturais e econômicas, algo que pode favorecer aos/às informantes sentimento de maior pertença e avaliação positiva de si e sua comunidade linguística.

Isso posto, sugere-se que um novo estudo possa ser feito, considerando o uso da entrevista face a face, para mapear as atitudes de outros/as informantes, a fim de comparar e alastrar os dados. Desse modo, deixa-se em aberto a possibilidade de novo estudo e a sugestão para colegas pesquisadores interessados no fenômeno das atitudes.

Por fim, este estudo foi enviado para professores de Língua Portuguesa do município de Bananeiras, mediante contato com a Secretária de Educação, para contribuir com aparatos linguísticos e discursivos no que tange às atitudes linguísticas que possam favorecer o fazer docente dos/as profissionais de linguagem das escolas municipais. A intervenção desta discussão no contexto da educação básica oportuniza a reflexão sobre a linguagem, o empoderamento linguístico dos alunos e combate ao preconceito linguístico, objetivos legítimos e presentes em diferentes documentos oficiais de ensino.

## Referências

ALVES, M. I. P. M. **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo**: abordagem prévia. 1979. 226 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Tradução de Stella M. Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário R. Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDOSO, D. P. **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns dialetos Brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CORBARI, C. C. **Atitudes Linguísticas**: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste. 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

HORA, D. Variação dialetal e atitude. In: HORA, D. da; NEGRÃO, E. V. (org.). **Estudos da Linguagem**: casamento entre temas e perspectivas. João Pessoa: Ideia, 2011. p. 15-36.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, W. W; LAMBERT, W. E. **Psicologia Social**. 3. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. Tradução de Marcos Bagno. In: LAGARES, X. Carlos; BAGNO, Marcos (org.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 49-88.

MORAIS E LIMA, P. E. Atitudes linguísticas de falantes do sertão paraibano em relação ao seu próprio falar. In: ATAÍDE, Cleber (org.). **Estudos linguísticos e literários**. São Paulo: Pá de Palavra, 2019. p. 83-94.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

SILVA, M. R. **Contato linguístico**: atitudes do falar paraibano em São Paulo. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SOUSA, J. A. X. de. **Saberes e experiências no ensino de história na Universidade do Tabuleiro – UNITAB**: um estudo no município de Bananeiras-PB. 2013. 296 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

TARALLO, F. A **Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

VELOSO, R. As três ondas da Sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: **XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina**. João Pessoa: Ideia, 2014. p. 1740-1749.

### **Sobre os autores**

*André Luiz Souza-Silva* (Orcid ID <http://orcid.org/0000-0002-3560-9129>)

Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UEPB/CAPES). Graduado em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Estadual da Paraíba e com formação *latu sensu* em Ensino de Língua e Literaturas na Educação Básica pela mesma instituição. Tem Mestrado em Linguística (UEPB), com área de concentração em Teoria e Análise Linguística. Seus temas de pesquisa são Diversidade Linguística, Tabus Linguísticos, Ensino de Língua Materna, isso com base na Sociolinguística e suas Interfaces.

*Rubens Marques de Lucena* (Orcid ID <https://orcid.org/0000-0003-0799-299X>)

Professor Associado da Universidade Federal da Paraíba, onde atua no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING). Graduado em Direito e em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Federal da Paraíba. Possui Mestrado em Letras (UEPB) e Doutorado em Linguística (UEPB), com área de concentração em Teoria e Análise Linguística. Atualmente suas áreas de interesse em pesquisa são Sociolinguística e Estudos de Contato Linguístico.

Recebido em maio de 2022.

Aprovado em setembro de 2022.